

Currículo e Poder

UC: Conteúdos Educativos e Novas Literacias

Docente: Doutora Lia Oliveira

Aluno: Joaquim Almeida - pg17444

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
TECNOLOGIA EDUCATIVA**

**Universidade do Minho
Instituto da Educação**

Ano Letivo: 2014/2015



Sobre o autor do livro:

João M. Paraskeva é professor associado da University of Massachusetts, Dartmouth, School of Education.

É especialista em Estudos Políticos, Liderança Educacional, Teoria e Desenvolvimento Curricular, Teoria Crítica, Métodos Qualitativos e Teoria do sul.

**Paraskeva, João M. (org.) (2008) Educação e Poder.
Abordagens críticas e pós-estruturais. Mangualde.
Edições Pedagogo.**

O livro organizado por Paraskeva (2008), Educação e Poder: abordagens críticas e pós-estruturais tem como objetivo apresentar pressupostos teóricos de base e alternativas práticas em defesa de escolas 'críticas' — mobilizadas por se tornarem “agentes” de mudança. Ao longo dos seis capítulos da obra, são apresentadas abordagens críticas e pós-estruturais para se refletir sobre essa questão. Discutir o papel da educação num mundo desigual e em conflito parece ser um eixo transversal curricular de extrema importância para que as instituições educativas e sociais priorizem espaços para análises conjunturais e tomadas de decisão desde a infância, quanto aos fins da educação que desejam empreender.

Capítulo 6 - "Currículo como prática (regulada) de significações" de João M. Paraskeva, pp. 135-168.

O sexto e último capítulo, *Currículo como prática (regulada) de significações*, é escrito pelo organizador do livro, João M. Paraskeva, e está dividido em três subtemas:

- 1 – Políticas curriculares como texto
 - 2 – Políticas curriculares como discurso
 - 3 – Currículo como prática [regulada] de poder.
-

Neste capítulo o autor advoga que o currículo é e deve ser uma prática de vida, e não apenas um documento escrito e estático. Nesse texto estão implícitas múltiplas tensões e negociações resultantes de políticas de educação entre diferentes grupos sociais. Mas acontece que, finalmente, é a expressão do discurso oficial, a voz dos vencedores a nível social que refletem a nível educativo as suas intenções. Assim, o autor propõe que se questione o currículo como projeto sociocultural devidamente contextualizado, expresso num documento construído para e a partir de uma prática regulada de poder.



A crença de que o currículo seja capaz de sedimentar e perpetuar um determinado padrão através de um modelo simplista de reprodução sociocultural da ideologia dominante é, assim, descartada. Paraskeva considera o campo de batalha que as políticas curriculares instituem: há leituras plurais. Por mais que o texto curricular represente uma determinada política oficial, não pode ser compreendido se não se entende e atende os indivíduos que nele operam. Assim, os discursos contidos nele são muito importantes; salienta aqui que a política curricular, em termos de discurso, é uma relação de poder.



O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

(Michel Foucault)

O autor faz ainda referência a Beyer e Apple (1998) para nos mostrar qual é a natureza das questões que incluem conteúdo curricular: epistemológica, política, econômica, ideológica, técnica, estética, ética e histórica. Os discursos, especialmente os curriculares, são muito dependentes dos contextos que os acompanham e de quem os produz. Então, Paraskeva refere a impossibilidade da neutralidade e que os silêncios, as ausências, as negações, as declarações ou as interrogações também são parte muito importante destes discursos curriculares.



O autor incide na questão de que através do ensino tradicional tentam convencer-nos de que não pode haver escolaridade sem os dogmas estabelecidos sobre a avaliação, a aprendizagem, os conteúdos, as disciplinas ou materiais. Do seu ponto de vista é vital o respeito e inclusão de diferentes tipos de conhecimento produzidos pelo ser humano, e que nos torna conscientes da imposição dos dogmas da ciência moderna. Ele reconhece as contribuições da ciência moderna, mas aposta numa maior equidade e justiça epistemológicas.



Bibliografia:

Beyer, L. & Apple, M. (1998). Values and politics in the curriculum. *In* Beyer, L. & Apple, M. (eds.) *Curriculum, problems, politics and possibilities*. Nova Iorque: State of New York Press, pp. 3-17.

Paraskeva, João M. (org.) (2008) *Educação e Poder. Abordagens críticas e pós-estruturais*. Mangualde. Edições Pedagogo.